Municipio do Pereiro

O que escreve primeiro o livro é discipulo d'aquelle que o melhora e aperfeiçôa.

BACON.

(Conclusão)

OROGRAPHIA. — A serra do Pereiro occupa a maior parte do termo, tomando em seo prolongamento de sul á norte os nomes de Pintos e Sebastião, desde o povoado de Santa-Cruz, districto do Icó, até perto da barra do Figueiredo com uma extensão superior á 38 leguas.

Na parte do sul é que tem-se desenvolvido mais a agricultura, devido não só á densidade de população e praticabilidade de caminhos como á natureza do terreno.

A serra é secca e de solo muito desigual.

POTAMOGRAPHIA.—O Figueiredo, affluente do rio Jaguaribe forma-se das aguas que descem do sul e da falda oriental da serra.

Sua pequena bacia comprehende os riachos S. João, Engenho, Alagôa, Bôa-ventura, João Ribeiro, Contendas, Matta, Baixa-verde e Baião que despejão no Thomé Vieira á uma legua do Sacco do Orelha.

O Thomé Vieira depois de juntar-se ao riacho Remedio que se forma do Genipapeiro, Logradouro, Bôa-vista e Gerimum continua o seo curso com esse nome, recebendo os correntes Páu-ferrado, Campos, Milagres, Melancia, Rajada, Forquilha, Cantinho, Açude, Riacho da serra e Carnaubinha.

Do Caixa-só descem para o Figueiredo os riachos—Peccado, Foz, Milhã, Grossos, Amoré, Logradouro, Fazenda, Curral do meio, Atraz da serra, Arara e Timbaúba.

Do lado Occidental correm para o Jaguaribe, na freguezia d'este nome os ribeiros Bode, Picos e Guaribas, e do sul o Sitio de fóra, Páu-branco, Trindade e Alagôa que avolumão o Riacho do Correia, tributario do Salgado.

Todos estes riachos e correntes apenas tem a vida do inverno, ficando aqui e acolá alguns póços que servem para vasantes e aguada.

Mattas.—São poucas as que merecem este nome.

O povo na faina de abrir roçados e ignorante da influencia que exerce este poderoso conservador climaterico, agente da evaporação e das chuvas, vai destruindo tudo.

Até 1860 a serra era muito fresca, os invernos abundantes e regulares, devido ás mattas então existentes ; hoje apenas encontrão-se algumas no sitio Balsamos, Serra-branca, Serrinha e Alagôa.

A madeira que mais abunda é o páu d'arco, angico, cedro, timbaúba, sabiá, aroeira e pereiro—que emprestou seo nome á serra.

Curiosidades naturaes. — Encontrão-se muitas que revelão a pujança e capricho da natureza.

Na fazenda — Arara — districto de Caixa-só ha um grande lagedo em uma varzea onde se veem lettreiros bem salientes mas indecifraveis, assim como na Tapera d'esse mesmo districto e no sitio Grossos, perto do Pereiro.

Diz o padre F. Telles de Menezes em seo memorial que ha no termo uma pedra com lettreiros e uma figura de homem, tendo na mão uma lança.

Quasi á meia legua da villa, no lugar Cafundô, ha uma grande pedra semelhando uma casa, em cujo interior, dividido em compartimentos, vê se um regato ou olho d'agua sempre perenne da profundidade de um metro.

Na frente deste rochedo existem tanques de pedra cheios d'agua, de que se utilisão as lavadeiras de roupa.

Encontrão se tambem muitos talhados profundos até hoje insondaveis.

Ao lado occidental a serra apresenta uma grande fissura cuja causa attribuem os naturaes á uma manga d'agua, parecendo antes ter sido effeito de algum terremoto, como o de 1807 que houve n'essa fronteira e no valle do Jaguaribe.

Em Caixa-só ha um terreno cuja areia é completamente preta e reluzente como vidro.

E' bastante fina e pesada. Serve se d'ella como de matta-borrão.

Mineraes. — Diz o padre Telles que ha uma gruta de salitre tão abundante que chegando-se uma vella incendeia-se toda.

Ignora-se o lugar.

No serrote—*Cabello não tem*—ponta da serra ao lado oriental, perto do Sacco do Orelha, existe uma mina de ouro de bôa qualidade.

Diversas pessôas tem achado ahi vestigios d'esse minerio; Joaquim Ferreira Grangeiro extrahio em tanta quantidade que o finado padre Daniel Fernandes de Moura com esse ouro mandou fazer algumas obras.

Encontra-se tambem muita caparosa.

Aos olhos da sciencia a serra está completamente desconhecida.

Suas riquezas não forão ainda exploradas como em toda a provincia.

Preciosidades.—Conta o padre Telles que, cavando-se n'uma baixa da serra do Pereiro, derão n'uma estiva de madeira lavrada e mais abaixo ferramentas, tenda de ferreiro, caldeiras, ferros de mineiros e a profundando mais encontrarão outra estiva de traves grossas que não arrancarão.

No lugar Cidade e em outras partes da serra tambem se tem encontrado ferramentas.

Diz ainda o mesmo autor que no lugar Tapera para cima um individuo achou n'esse bosque um grande caixão já carcomido cheio de chapas de ouro e querendo tirar algumas, uns negros que o acompanharão, prohibirão.

Estes factos uma vez verificados, accusão provas de uma colonisação muito antiga, cuja epocha não se pode precisar.

Divisão policial. —Tem uma delegacia e tres districtos de paz.

Pertencem ao districto da villa os seguintes quarteirões : S. Bento, Matta, Caetano de baixo, Caetano, João Ribeiro, Mouco, Genipapeiro, Creoulas, Engenho, Alagôa do Camará, Montes, S. Severino. S. Paulo, Conceição e Thomé Vieira; do Caixa-só : Grossos, Atraz da serra, Balthazar, Fazenda grande, Amoré, Foz, Páu-branco, Bom jardim, Remedio, Chapada, Sebastião, Jurema, Riacho secco e Raphael ; Thomé Vieira, Melancias, Amparo, Sauto Antonio, Forquilha, Campos e Jatobá ao Sacco do Orelha cujo nome se deriva do um cavallo chamado—Orelha—acostumado á pastar n'esse sacco de serra.

O Exm. Sr. D. Luiz em sua primeira visita pastoral deu-lhe o nome de Monte-santo, mas o povo não sanccionou esse chrisma que ficou completamente esquecido.

Rendas em 1887 :

Geral	1:602$689
Provincial	5:389$653
Municipal	549$650
Postal.	124$600

Houve decrescimento em virtude da escassez do inverno.

Instrucção.—E' um dos lugares mais atrasados.

O nivel intellectual e moral é ainda consideravelmente baixo ; d'ahi estes habitos de poderio e valentia que ostentão algumas familias mais abastadas.

Devido á sua configuração topographica em um recanto da provincia onde apenas apparecem aquelles que são arrastados pela necessidade e principalmente á quasi impraticabilidade das estradas, o Pereiro conserva-se um pouco refractario ao progresso.

A' muito esforço, vencendo serios embaraços, fundei uma Escola popular e um Gabinete de leitura á 27 de Setembro de 1883, dia faustoso em que receberão o baptismo da liberdade 164 captivos—os ultimos do termo.

A Escola apresentou sempre uma bôa frequencia e o mais lisongeiro resultado, devido em grande parte á distribuição gratuita de roupa e livros á mais de 50 orphãos e alumnos pobres.

Os que mais me auxiliarão n'essas emprezas forão os Drs. José Cardoso de Moura Brazil, Domingos J. Nogueira Jaguaribe, Commendador Antonio Pinto Nogueira Accioly, Monsenhor Hyppolito Gomes Brazil, Dr. Thomaz Pompêu, Vigario Carvalho, José F. Alves Teixeira, José Alcanforado, Misael Campos, professor Antenoges e outros cidadãos.

As duas escolas publicas são pouco frequentadas, assim como a do Sacco do Orelha.

O povo não comprehendeo ainda a necessidade imprescindivel que tem de educar-se.

Pode-se aferir o seo amor ás lettras por esta singularidade — o unico filho do Pereiro que tem diploma scientifico é o Dr. José Cardoso de Moura Brazil—o mais notavel oculista brazileiro, cearense tão illustrado quanto benemerito, cujo coração sempre voltado ao progresso da provincia, não regateia sacrificio em favor de seos comprovincianos.

COMMERCIO.—E' mais ou menos activo.

A exportação consiste em algodão, couro e gado para o Aracaty, Baturité e centro de Pernambuco, e a importação em generos nacionaes e estrangeiros d'essas praças, rapadura do Crato e gado do Piauhy.

Tem umas 8 lojas de fazenda e 14 de seccos e molhados, afóra pequenas tavernas á margem das estradas.

As feiras no domingo são muito concorridas. E' o dia de mais commercio não só por causa dos comboeiros que trazem suas mercadorias como pela missa que reune os fieis.

APONTAMENTOS SOBRE A VILLA.—A villa está situada

quasi no centro da serra na parte mais estreita, em uma depressão bastante sensivel.

O local é muito acanhado, rodeiado de um serrote ao nascente, o riacho Caetano ao sul, um açude e duas lagôas, sem proporções para edificação e progresso.

Tem no perimetro 161 casas, a maior parte de tijollo porem baixas, pequenas e ruins; uma Egreja bem construida, um sobrado (ainda em reboco) que serve de camara e cadeia e um mercado em construcção.

A planta topographica apresenta dois raios de rua em cujo centro acha-se a matriz; a rua se estende de norte á sul em constante declive, se estreitando á semelhança de um funil.

Por detraz d'essa rua, ao nascente ha outra menor composta de casebres em que se abriga o povo mais pobre e descuidoso do futuro.

Os primeiros fundamentos, segundo os dados que pude colher, remontão ao ultimo quartel do seculo passado.

Affirma o Dr. Pedro Theberge que em 1778 quando á camara do Icó forão concedidas 16 leguas de terra nas serras do Camará e Pereiro, não havia ainda habitação.

Diz a tradição que Manoel Pereira, natural e morador em S. Bernardo das Russas, depois da grande secca de 1777, viera com sua familia estabelecer-se na serra e construira um nicho no lugar em que assenta hoje a villa.

Foi seu primeiro aldeiamento.

Embora não se possa precisar bem essa epocha, sabe comtudo que já em 1799 a povoação tinha muitas casas e uma população tal que mereceo n'esse anno as honras de uma missão do celebre apostolo Fr. Vidal da Penha.

Foi esse notabilissimo e piedoso missionario, cujo nome se repete no centro como mytho de virtude e veneração, quem deo nova fórma ao nicho, levantando um cruzeiro em frente da Egreja.

Dizem os antigos da terra (tradição do povo) que Frei

Vidal no acto de collocar a cruz no frontespicio da Egreja dissera — que emquanto existisse alli aquelle symbolo da Redempção nenhuma peste subiria a serra.

Lenda ou verdade, acaso ou coincidencia, o certo é que até 1874 o Pereiro não havia conhecido peste; o cholera-morbus chegou até a linha de divisão das aguas e recuou; mas um louco quebrando essa cruz em 1874 pouco depois se desenvolveo a variola, causando innumeraveis estragos.

Por muito tempo o povoado conservou o nome de Pereira, derivado de Manoel Pereira, seu fundador; só mais tarde se chamou Pereiro ou por corrupção ou pela abundancia d'essa arvore em cima da serra.

Em 1817 quando rompeo em Pernambuco o movimento republicano cuja scentelha explosio no Crato, houve no povoado muitas prisões e assassinatos; a maior perseguição que se desenvolveo n'esse tempo foi contra o sargento-mór Manoel do Espirito Santo da Paz, chefe de numerosa familia e influencia politica do Pereira.

Não obstante tanto sangue que fecundou a terra de martyres, tantas prisões e confiscações que victimarão os patriotas, em 1824 o sentimento de liberdade tinha ainda todos os arrastamentos de enthusiasmo quando Tristão Gonçalves, á quem merecidamente se pode chamar o Philopemen Cearense, proclamou a Confederações do Equador.

N'esse tempo a povoação do Pereira foi theatro de lutas sangrentas entre os dois partidos—Rasgado e Patriota.

Manoel do Espirito Santo da Paz foi das primeiras victimas do bacamarte de Manoel Antonio de Amorim —celebre potentado de S. Severino e o maior caudilho dos imperialistas do Pereiro.

Seguirão-se muitos outros assassinatos e mais sangue teria sagrado a victoria dos legalistas se Pedro de Amorim não se apresentasse em resistencia ao proprio pai, assassinando-lhe dois sequazes, no lugar em que acha-se edificada a actual camara municipal.

Pedro de Amorim pouco tempo sobreviveo á essas lutas, morrendo envenenado (diz-se) á mandado do potentado da ribeira do Jaguaribe Bernardino Lopes de Senna, cuja filha elle raptara.

Estava portanto triumphante a bandeira imperial que Manoel de Amorim plantara no Pereira.

Desde então, a luta mais porfiada e de alcance serio foi a que acendeo os odios das familias—Pereira e Guedes, cujos chefes principaes cahirão traspassados de balas arrastando em seo sangue a desgraça de muitos parentes.

A' partir d'esses tempos implantou-se no Pereiro o uso do bacamarte como *ultima ratio* de todas as questões.

Hoje, porem, o Pereiro está livre d'esse regimen de terror á luz da civilisação que vai penetrando.

APONTAMENTOS SOBRE A HISTORIA DO TERMO.—E' muito difficil determinar o periodo inicial de sua historia com aquella authencidade que sagra a verdade dos factos.

A ribeira do Jaguaribe foi a primeira zona explorada n'essa parte da provincia como é natural, em qualquer paiz desconhecido, procurar-se á falta de caminhos, o curso das aguas.

Diz o Dr. Pedro Theberge (Hist. do Ceará p. 98) que no anno de 1691 se estabeleceo uma missão no lugar Quichossó ou Cachossó.

O nome d'esse povoado presta-se a differentes interpretações:

Não medrando essa missão como a do padre João da Costa e outras, retirarão-se os indios deixando apenas Quichós sós.

Os naturaes com mais propriedade derivão seo nome de uma caixa perdida que sendo aberta n'esse lugar, nada se encontrara dentro—Caixa-só.

Creado o julgado do Icó em 1725 (suppõe o erudito Senador Pompeu) e elevado á villa por provisão de 20 de Outubro de 1736 servio de limite a ponta septentrional da serra até a barra do Junqueiro, ficando o Pereiro n'essa circumscripção.

Teixeira de Mello, citado pelo illustrado major João Brigido (Resumo Chronolog. p. 84) dá a creação da villa á 21 de Abril de 1729.

Na chapada da serra nos lugares S. Severino e Aba se estabelecerão as primeiras habitações, e já em 1799 affluia muita gente ás missões de Frei Vidal ao Pereira.

Em 1802 deu-se um conflicto entre as camaras do Icó e Port'Alegre por ter um destacamento d'essa villa soltado alguns presos feitos pela autoridade d'aquella.

Esse conflicto foi resolvido pelo Governador do Ceará de accordo com o do Rio Grande do Norte, estabelecendo-se então que as terras da vertente do Apody pertencerião ao Rio Grande e as do Jaguaribe ao Ceará.

Não obstante esta decisão em 1836 apparecerão questões no espiritual entre os parochos do Pereiro e de Páu dos Ferros, tal é a duvida que em alguns lugares suscita a linha divisoria.

Em 1817 os acontecimentos mais notaveis se prendem á historia da villa, já referidos.

Em 1824, depois de proclamada a Republica do Equador, á 27 de Agosto, os portuguezes do Icó, sabendo da approximação de Filgueiras, sem forços para resistencia, refugiarão-se no serra, no arraial S. Severino, onde residia o celebre regulo Manoel Antonio de Amorim que, á frente de seo povo, vai plantar a bandeira imperial na povoação do Pereira.

Filgueiras ao saber que Amorim projectava atacar o Icó mandou o Sargento-mór Queiroz em fins de Setembro desalojal-o da povoação—empreza esta que, mal executada, servio de eclypse ás armas republicanas : Amorim distribuio sua gente em dois corpos, sendo um de emboscada de sorte que Queiroz, surprehendido na ladeira do Páu-branco, vio-se logo derrotado, pondo-se em debandada com grandes perdas.

O Pereiro tornou-se então um redacto formidavel onde jamais poude triumphar o movimento republicano.

Contribuirão tambem os imperialistas do Pereira para

que as tropas de José Dantas, do Rio do Peixe, batessem os insurgentes em mais de um recontro.

Ainda outra vez o Pereiro servio de refugio aos portuguezes do Icó, cuja camara invoca o auxilio de Amorim—á 25 de Outubro.

Depois Amorim á ordem da celebre *commissão matuta* foi mandado ao encontro de Tristão, que seguia da capital para reunir-se ao exercito expedicionario de Filgueiras.

Travou-se a luta em Santa Rosa a 31 de Outubro, luta tão fatal a Tristão quanto á causa que defendia.

De volta ao Pereiro Amorim fez pesar como Brenno todo seo odio na balança da vingança : entre as principaes victimas sobresae o Sargento-mór Manoel do Espirito Santo da Paz.

E' incontestavel a influencia que exerceo o Pereiro para asphyxiar o movimento republicano ; sem o seu concurso talvez Tristão tivesse se reunido á Filgueiras, dando por mais tempo vida aos acontecimentos.

Mais tarde ainda as tropas do Pereiro contribuirão para a victoria do Governo no combate de Varzea-alegre á 6 de Fevereiro de 1832 contra o coronel Joaquim Pinto Madeira.

Commandava, então, o contingente do Pereiro o tenente-coronel Antonio Martins Porto, ha pouco fallecido.

Desde esse tempo até hoje sua historia não offerece facto algum de importancia, salvo pequenas lutas politicas tão communs aos lugares atrazados.

Fortaleza—Dezembro 10 de 1888.

Antonio Augusto.

Se ha alguma inexactidão, corrijão-n'a os doutos, é um grande serviço prestado ás lettras.